



2.1.6 • A comunicação mundializada • A galáxia internet

Os Media e a proposta das Epistemologias do Sul

Sara Araújo
Sofia José Santos

A DENÚNCIA DA DOMINAÇÃO epistemológica que conduziu à supressão de saberes próprios dos povos colonizados é central para compreender como uma visão parcial foi convertida em cânone universal, invisibilizando grande parte da diversidade e da riqueza do mundo e contraindo o pensamento e os quadros a partir dos quais pensamos o presente e imaginamos o futuro. As Epistemologias do Sul são uma proposta de renovação do conhecimento que assenta tanto na crítica da razão metonímica (que toma a parte como um todo), como num conjunto de instrumentos de ampliação do presente (sociologia das ausências) para um horizonte de utopias concretas construídas a partir das possibilidades e expectativas da realidade dilatada (sociologias das emergências) (Santos, 2014). Assentes na ideia de que não há justiça social sem justiça cognitiva, as Epistemologias do Sul são mais do que um corpo de literatura a somar, desafiando as categorias, os instrumentos e os limites com que lemos do mundo. À luz desta proposta, cabe refletir sobre o que suprime e o que revela o conceito de media e como podemos repensá-lo para ampliar os saberes e práticas disponíveis para pensar o presente e projetar o futuro.

As Epistemologias do Sul, suas metáforas e premissas

As Epistemologias do Sul assentam na metáfora do pensamento abissal e da sua superação. Na base encontra-se a ideia de que uma linha abissal metafórica fixa os limites entre Norte e Sul, impedindo a copresença do universo “deste lado da linha” com o universo “do outro lado da linha”. O “outro lado”, mais do que irrelevante, é produzido como não existente. Submetido à lógica do tempo linear e à classificação a partir dos padrões da modernidade ocidental, o “outro lado”, classificado por oposição ao cânone, é o primitivo, o arcaico, o tradicional, o local, o que nunca está presente numa lógica de simultaneidade e horizontalidade. Norte e Sul são mais do que pontos cardeais e não apontam necessariamente a geografias. O Norte representa o universalismo construído a partir da perspetiva eurocêntrica e o Sul é a categoria onde cabem os conhecimentos nascidos da resistência aos poderes hegemónicos (Santos, Araújo & Baumgarten, 2016).

As Epistemologias do Sul são pois processos de recuperação e valorização de conhecimentos, científicos ou não científicos, e de novas relações entre os vários saberes com base nas práticas dos grupos sociais que sofrem e resistem à opressão causada pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado (Santos & Meneses,

2010; Santos, 2014). São quatro as premissas das Epistemologias do Sul: 1) a compreensão do mundo excede em muito a compreensão ocidental do mundo; 2) não faltam alternativas no mundo, o que falta é um pensamento alternativo de alternativas: muita da diversidade do mundo é desperdiçada, porque as teorias e conceitos desenvolvidos no Norte global e usados em todo o mundo académico não identificam grande parte dessa diversidade; 3) a diversidade do mundo é infinita e nenhuma teoria geral a pode captar; 4) a alternativa a uma teoria geral é construída em quatro passos: sociologia das ausências, sociologia das emergências, ecologia de saberes, tradução intercultural (Santos, 2014).

“
Não faltam alternativas
no mundo, o que falta
é um pensamento
alternativo de alternativas.”

Essencial a esta proposta é a ideia da incompletude de qualquer saber, condição a que não escapa a própria ciência. Como sistematizar a apresentação de um dossier sobre as Epistemologias do Sul? A sociologia das ausências opera substituindo monoculturas por ecologias, isto é, a ecologia dos saberes confronta a monocultura do saber e do rigor científicos com outros saberes e outros critérios de rigor; a ecologia das temporalidades argumenta que a lógica do tempo linear é uma entre múltiplas conceções de tempo e reivindica a copresença radical; a ecologia dos reconhecimentos submete à crítica a sobreposição entre diferença e desigualdade e cria novas exigências de inteligibilidade recíproca; a ecologia das trans-escalas denuncia o falso universalismo; e a ecologia das produtividades recupera os sistemas alternativos de produção que o capitalismo ocultou (Santos, Araújo & Baumgarten, 2016).

Abordar os media à luz das Epistemologias do Sul exige pensá-los a partir destas metáforas e premissas e refletir sobre as possibilidades de promover um pensamento ecológico que recupere outros saberes e narrativas, sem demonizar o Norte ou romantizar o Sul, mas ampliando as referências a partir das quais pensamos o mundo.

Os Media a partir das Epistemologias do Sul

A palavra media sintetiza o processo de vários canais e suportes de comunicação na esfera pública, considerados individualmente e/

ou como um todo, que veiculam informação, entretenimento, propaganda e/ou publicidade (ou uma combinação diferenciada destes elementos) a um número vasto de recetores, sendo tradicionalmente categorizados pelo suporte que usam (e.g. media online, rádio, televisão), a natureza de mensagem que veiculam (e.g. informativa, entretenimento, infantil), o tipo de propriedade (e.g. estatal, comunitária, privada) e/ou o alcance/exposição da mensagem relativamente à sua audiência (e.g. comunitária, de massas).

Ainda que tenha sido apenas na década de 1920 e no Ocidente que se começou a falar de ‘media’, a preocupação com esta realidade discursiva, a etimologia da palavra, assim como os processos comunicativos e discursivos que o conceito pretende sintetizar são anteriores, remontando à criação das pinturas rupestres (Briggs & Burke, 2009). Do mesmo modo, registos deste tipo de processos podem ser encontrados por todo o mundo (Cohen & Glover, 2004), não sendo, pois, um exclusivo geográfico, cultural e temporal do Ocidente ou da Modernidade. Comum a todos os processos comunicativos disseminados no tempo e no espaço que o conceito de media agrega está o reconhecimento da necessidade de uma gramática de comunicação pública a partir de um emissor e dirigida a múltiplos recetores (Carvalho & Santos, 2017).

Apesar da sua universalidade em termos de prática e de conceito, a evolução do que se entende por media tanto na literatura como no senso comum dominantes tem sido desenhada enquanto consentânea com a da modernidade ocidental e sua meta-narrativa de progresso, alimentando (ainda que muitas vezes implicitamente) a ideia de os media serem uma realidade comunicativa exclusiva ou circunscrita a uma janela temporal, a uma zona geográfica e/ou a uma especificidade cultural: a modernidade ocidental.

No imaginário moderno, o conceito de ‘media’ remete a noções como tecnicidade, cientificidade e automaticidade (Carvalho & Santos, 2016). A visão moderna de tecnologia é, pois, o filtro principal de inclusão e de exclusão do que se qualifica como media (Carvalho & Santos, 2016), consubstanciando-se enquanto “linha abissal” que divide a realidade em dois pólos: um lado de cá tecnológico, moderno, racional, eficiente; um outro lado exótico, supersticioso, folclórico, arcaico e irrelevante. A conceção do que cabe na categoria de “media” segue a par da evolução da sociedade moderna ocidental e sua perceção sobre o que significa e encerra a palavra e a realidade discursiva e comunicativa

AS EPISTEMOLOGIAS DO SUL		
Contração do mundo e desperdício da experiência	Sociologia das ausências	Sociologia das emergências
Monoculturas modernas	Ecologias	Imaginação política
Monocultura do saber e do rigor científicos; monocultura do tempo linear; lógica da classificação social; monocultura da escala dominante; monocultura da produtividade	Ecologia dos saberes, ecologia das temporalidades, ecologia dos reconhecimentos, ecologia das trans-escalas, ecologia das produtividades.	Utopias concretas a partir do presente dilatado ("ainda não")
Produção de linhas abissais que suprimem práticas e saberes que não cabem no cânone moderno.	Identificação das linhas abissais. Ampliação das cartografias de saberes e práticas	Superação das linhas abissais

AS EPISTEMOLOGIAS DO SUL E OS MEDIA – DESAFIOS		
Contração do mundo e desperdício da experiência	Sociologia das ausências	Sociologia das emergências
Monoculturas modernas	Ecologias	Imaginação política
Media que usam tecnologia (quase sempre de ponta) e seguem as diretrizes da racionalidade moderna, da tecnicidade, da imediatez.	Identificação de outras tecnologias (classificadas como obsoletas ou assentes apenas na oralidade). Exemplos: teatros-fórum, <i>storytelling</i> , livros de cordel	Utopias concretas a partir do presente dilatado ("ainda não")
Linha abissal definida por uma concepção estreita de tecnologia	Identificação de outras gramáticas de comunicação, construção de cartografias comunicativas mais amplas	Imaginação do futuro a partir das narrativas tornadas visíveis

dos media. Neste sentido, todas as realidades comunicativas modernamente não-tecnológicas, como práticas e processos meramente baseados na oralidade e do qual os teatros fóruns ou as práticas de *storytelling* são exemplos paradigmáticos, relegados para um patamar inferior ou temporalmente atrasado. "Sistemas tradicionais de comunicação" (Wilson, 1987), "comunicação indígena" (Ansy-Kyeremeh, 2005), "formas culturais de comunicação" (Morrison, 1993) são algumas das expressões recorrentemente utilizadas pela literatura para se referir aos meios de comunicação social que usam tecnologias que assentam em tecnologias não científicas e que preenchem o dia-a-dia informativo e de entretenimento de muitas populações do Sul Global, particularmente em contextos rurais (Ansy-Kyeremeh, 2005).

Em conformidade com a monocultura do tempo linear e a narrativa de progresso, os media que utilizam tecnologia de ponta ou mais avançada são integrados automaticamente na categoria de 'media', de onde ficam excluídos os media que usem tecnologias classificadas como obsoletas ou mecanismos considerados não tecnológicos. O livro é um exemplo recente dessa obsolescência tecnológica que a modernidade ocidental tem tecido (Carvalho & Santos, 2016). Ainda que a criação do livro tenha sido uma revolução tecnológica, o livro é hoje em dia raramente considerado um produto ou veículo tecnológico ou sequer um meio de comunicação de massas. Na verdade, desde o final do século passado, com a explosão das tecnologias digitais de comunicação, jogos de computador e as redes sociais começaram a ser entendidas como media e o livro um mero produto cultural, sublinhando a tendência que Carvalho & Santos (2017) cunharam de "Darwinismo tecnológico" no que toca a definição de media. Do mesmo modo, o facto de nos referirmos aos media tecnológicos online como "novos media" é também ilustrativo deste darwinismo em que o filtro da tecnologia e da metanarrativa do progresso prevalecem na definição do que pode ser incluído como media. Apesar da tendência hegemónica, existem múltiplos espaços e gramáticas discursivas públicas não tecnológicas ou tecnologicamente não avançadas aos olhos da modernidade com um

alcance abrangente e que influenciam grupos e veiculam informação relevante. Os livros de cordel em muitos países da América Latina, os teatros de rua, os teatros fóruns e as reuniões coletivas em espaços públicos em países Africanos, como acontece no Gana, no Botswana, na Nigéria, no Burundi, no Maláui, na Namíbia, entre muitos outros (Ansy-Kyeremeh, 2005; Wilson, 1987), assim como a figura dos e das Griot, contadores de histórias, poetas e/ou músicos que estão a par da atualidade e servem de depositários das tradições da sua comunidade, que remontam ao século XIII em boa parte ao Império do Mali e cultura Mende, na África Ocidental, e que hoje permanece uma figura presente em muitas sociedades africanas, são exemplos que mostram como o conceito de media no mundo excede a abordagem tecnológica moderna. A tradição da oralidade supera, nestes casos, o predomínio da tecnologia moderna e da palavra escrita (Carvalho & Santos, 2017). Ao não suprimir a pluralidade da realidade dos media e das gramáticas de comunicação de discurso público, a literatura dominante tem insistentemente criado hierarquias, privilegiando os media tecnológicos em detrimento dos não-tecnológicos, apelidados de indígenas ou tradicionais, alimentando a falácia do desaparecimento de outras gramáticas de comunicação pública e de massas.

Limites e Agendas de Investigação

A consequência desta abordagem abissal é um quadro analítico e epistemológico enviesado que toma a parte pelo todo e produz conhecimento e propostas políticas e comunicativas com base nessa premissa distorcida (Carvalho & Santos, 2017), excluindo e/ou invisibilizando outras gramáticas de comunicação, outras vozes, narrativas e saberes. Promover uma sociologia das ausências para superar esta linha abissal, significa fazer emergir outras linguagens, outras narrativas, outras propostas, conhecimentos, testemunhos e experiências não apenas enquanto exercício cultural, mas como recusa de uma narrativa linear e monocultural e expansão da imaginação política para lá do ocidente, ampliando o presente e permitindo pensar o futuro a partir das narrativas dos excluídos. Superar

a linha abissal é projetar outras vozes e saberes para o interior de agendas políticas com possibilidade de materialização. ■

Referências

- Ansy-Kyeremeh, K. (2005). *Indigenous communication in Africa: concept, application and prospects*. Accra: Ghana Universities Press.
- Briggs, A. & Burke, P. (2009). *A social history of the media: from Gutenberg to the internet*. Cambridge: Polity Press.
- Carvalho, A. S. & Santos, S. J. (2017). Exploring the mediascape from the Epistemologies of the South. *Commons*, v. 6 (1) (no prelo).
- Cohen, M. & Glover, J. (2004) *Colonial Mediascapes*. Lincoln: University of Nebraska Press.
- Morrison, J. F. (1993). Communicating healthcare through forum theater: egalitarian information exchange in Burkina Faso. *International Communication Gazette*, v. 52 (2, Out.): 109-121.
- Santos, B. S. (2000). *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. Porto: Edições Afrontamento.
- Santos, B. S. (2014). *Epistemologies of the South: justice against epistemicide*. Boulder: Paradigm Publishers.
- Santos, B. S.; Araújo, S. & Baumgarten, M. (2016). Apresentação: as epistemologias do sul num mundo fora do mapa. *Sociologias*, a. 18 (43, Set/Dez.): 14-23, disponível em https://www.academia.edu/29886139/As_Epistemologias_do_Sul_num_mundo_fora_do_mapa_apresenta%C3%A7%C3%A3o_.
- Santos, S. J.; Araújo & Cravo, T. A. (2016). Media intervention in post-war settings: Insights from the Epistemologies of the South. *Commons*, v. 5. (2).
- Wilson, D. (1987). Traditional Systems of Communication in Modern African Development An Analytical Viewpoint. *Africa Media Review*, v.1 (2): 87-104, disponível em <http://pdfproc.lib.msu.edu/?file=/DMC/African%20Journals/pdfs/africa%20media%20review/vol1no2/jamr001002007.pdf>.